

ÁLVARO BOMÍLCAR, MUITO ALÉM DO ALMANACK CORUMBAENSE – SOBRE MOÇAS E MULHERES

Eliane Santos Paulino
PG/UEMS

Resumo: Este é um estudo de fragmentos do texto “A Utopia da Liberdade”, de Álvaro Bomílcar, publicado no *Almanack Corumbaense* (1898), cujo propósito é analisar as construções discursivas sustentadas por uma ideologia superior masculina em relação à mulher, comuns nas práticas socioculturais do século XIX. A escolha da temática não é aleatória, ela se justifica pela importância de Álvaro Bomílcar na edição do citado *Almanack* e pela vasta produção no anuário, incluindo outras publicações cuja temática é a mulher. Desse modo, considerar o discurso de gênero implica, conforme o estudo exige, estabelecer relações envolvidas na tríade: “sujeito, história e linguagem”.

Palavras-chave: Álvaro Bomílcar. Discurso de gênero. Mulheres.

Introdução

Em 1898, a “Terra Mattogrossense”, em particular, testemunhou a criação do *Almanack Corumbaense*. Dentre os colaboradores, destacou-se Álvaro Bomílcar, com cinco publicações, textos de gêneros distintos; mas com um mesmo aspecto: a linguagem simples que, comparada a outras do citado *Almanack*, revela, em sua peculiar produção, uma língua mais brasileira. Para o autor, era preciso construir a nossa nacionalidade: “no Brasil, não se fala o português, fala-se o brasileiro, com sintaxe, prosódia, estilo e vocabulário brasileiros”, conforme (OLIVEIRA, 1990, p. 193).

Dentre a citada produção, tendo a figura feminina como inspiração, o texto “A Utopia da Liberdade”, pág. 92, deixa evidente a tríade: “sujeito, história, ideologia” que Orlandi (2001, p. 22) relaciona à língua e ao discurso: “nem o discurso é visto como liberdade em ato, totalmente sem condicionantes linguísticos ou determinações históricas.” Assim, analisar o texto de Bomílcar, além de destacá-lo como representante da liberdade e renovação da linguagem do brasileiro, também é perceber a língua em seu funcionamento ideológico, com materialidade linguística e histórica.

Utilizando como *corpus* o *Almanack Corumbaense*, pretende-se investigar – no texto “A Utopia da Liberdade”, de Álvaro Bomílcar –, as evidências de um discurso de gênero, à luz da Análise do Discurso; partindo do princípio de que não há verdade oculta em quaisquer textos, mas sim meios de interpretação que

cabe ao analista compreender. Nesse sentido, analisar a produção de Bomílcar requer relações extratextuais. Em verdade, a proposta é um desafio no sentido de apresentar o autor ao universo da linguística sob nova perspectiva: destaque em um periódico anterior à sua evidência nas revistas fluminenses a partir de 1901.

Quanto à metodologia, o estudo contemplará a escola francesa de Análise do Discurso, visto corresponder à perspectiva de desnudar a linguagem de Álvaro Bomilcar dissociada da mera concepção de instrumento de comunicação, e sim pautada na ideia de lugar de “ação e interação”.

ALMANACK CORUMBAENSE: A EXTERIORIDADE DA LINGUAGEM

Com edição do historiador e geógrafo Ricardo D'Elia e redação dos jornalistas Pedro Trouy e Álvaro Bomílcar, ao estilo almanaque da época, o periódico apresenta propagandas, charadas, calendário, piadas, produções literárias, atividades econômicas e informações sobre a cidade.

O contexto é o município, então “Mattogrossense” de Corumbá, descrita no *Almanack* como “principal cidade de Matto-Grosso” e detentora de “excellente instituição instrutiva: o Gabinete de Leitura Corumbaense, onde se encontram innumeros tratados scientificos e grande subsidio literário” (pág. XIV). A valorização da produção literária é anunciada também na “ligeira estatística”, com “3 typographies. Os autores da citada publicação esclarecem que foi uma “luminosa idéa de apresentar ao publico do Brazil, uma publicação de propaganda tão necessaria e tão util” (pág. XV).

Sobre a delimitação do *corpus*, Orlandi (2001, p. 61) esclarece que ele é resultante de uma construção do pesquisador e, portanto, é sua função organizar o pensamento investir na “opacidade da linguagem, no descentramento do sujeito e no efeito metafórico”. Para tal intento, cabe afirmar que o autor é reponsável pelas significações propostas no contexto. Na perspectiva de que não há modelo pronto, resta uma visão exploratória e de cunho documental.

Estabelecidos os critérios para desenvolvimento da análise, segue-se a proposta de, primeiramente, contextualizar o enunciado, para, em seguida, remeter-se à compreensão descritiva e interpretativa. Tais procedimentos à luz pecheutiana reúnem condições essenciais à análise linguística. Assim, o *Almanack Corumbaense*, pelo valor coletivo, funcionará como um conjunto significativo documental para a passagem do texto ao discurso, apresentado em Orlandi (2001, p. 19) como exterioridade da linguagem.

A partir do recorte, pretende-se privilegiar o foco da análise na heterogeneidade e no sujeito, este histórico, ideológico e inconsciente; com sua carga de experiência que ressoa em seu “já-lá”, oriundo do interdiscurso, ampliando-se à proposta intradiscursiva (PÊCHEUX, 1997, p. 91).

“A UTOPIA DA LIBERDADE”: REVISITANDO TEMPO E ESPAÇO

Segundo Koch (1997, p. 9), há concepções distintas sobre a linguagem no transcurso histórico. Para privilegiar a presente análise, interessa saber a linguagem como produto da interação enunciador e enunciatário, o que requer uma ligação intrínseca com o contexto sócio-histórico-ideológico do enunciado.

O ano de produção do texto a ser analisado é 1898, sendo o autor um dos editores do citado *Almanack*, conforme se vê:

A Utopia da Liberdade

“A mulher, mãe, filha ou esposa, resignada á condição humilde e secundaria que o christianismo sabiamente lhe impoz; a mulher que não tira proveito de sua fraqueza, em prol d’essa pernicioso e illusoria ficção de liberdade; aquella que sabe elevar-se pelo coração, anulando-se, com oportunidade, nas lutas da republica, tem conseguido galgar as culminancias da genuinas aspirações de sexo. Santa Cecilia foi assim. Ella nunca quis se formar em direito, nunca jogou nos fundos públicos e nunca ocorreu-lhe apostar corridas de bicyclete. Entretanto não há nega-lo além de ter sido um typo ideal, foi uma criatura admiravelmente feliz, na imaterialidade do seu imenso Amor”. (Do Livro Azul)

Diante da matéria-prima para análise, é importante retomar Orlandi (2001, p. 21) que afirma ser o discurso “o efeito de sentidos entre locutores”; desse modo, cabe um levantamento sócio histórico para contextualizar as condições de produção.

Sabendo-se que o texto trata da mulher e sua condição social no Brasil de 1898, é importante destacar uma cronologia de acontecimentos que facilitarão os caminhos da análise discursiva, a saber:

1879 - O Governo Brasileiro abriu as instituições de ensino superior do país às mulheres; mas as jovens que seguiam esse caminho eram sujeitas a pressões e à desaprovação social, atos comuns, principalmente, da Igreja.

1880 - As primeiras mulheres graduadas em direito encontram dificuldades em exercer a profissão.

1887 - Rita Lobato Velho Lopes tornou-se a primeira mulher a receber o grau de médica, no Brasil. As pioneiras encontraram muitas dificuldades para se afirmar profissionalmente e estiveram sujeitas ao ridículo.

1889 - Com a Proclamação da República, Francisca Senhorinha da Motta Diniz mudou o título do jornal "O sexo feminino" para "O Quinze de Novembro do Sexo Feminino". (Arquivo do COMDIM/POA – 2000)

Vê-se, portanto que, diante desse ambiente social historicamente determinado e atravessado por uma formação ideológica, há uma visão preconstruída no sujeito, ou como sugere Pêcheux (1997, p. 166) “forma sujeito”. Desse modo, o texto como unidade complexa reclama sentidos.

Ademais, Orlandi (2001, p. 30) reitera tal pensamento, ao justificar que as condições de produção são correspondentes ao sujeito e à situação, contemplando, dessa forma, o conceito de “interdiscurso”:

“A Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento”. (ORLANDI, 2001, p. 30)

Diante do contexto histórico-social apresentado, há uma averiguação clara dos muitos outros discursos presentes no texto. Esse “atravessamento” é apresentado pelas referências às reações de “desaprovação social”, principalmente “da Igreja” diante da presença das mulheres nas escolas. Sobre tal hipótese, Bomilcar, em tom jocoso, sugere que o sábio “christianismo” construiu uma condição “humilde e secundária” para mulher. A sustentação de tal ideologia é reforçada, no discurso, pela referência à Santa Cecília que também serve de argumento para a falta de mérito da mulher que buscava a formação em direito.

É relevante destacar a tendenciosa proposta de anulação das mulheres frente às “luctas da republica” como “genuína aspiração” do sexo; fato comprovado na observância da presença feminina no advento da República.

A referência a “apostar corridas de bicycle”, como uma ação audaciosa, denota o discurso “pré-construído”. Tal enunciação é fruto do preconceito em vigor na época, já que segundo a feminista americana Susan Anthony “andar de bicicleta fez mais pela emancipação da mulher do que qualquer outra coisa no mundo” (Mundo Estranho, 2012), no final do século XIX:

“A bicicleta teve um grande impacto na vida das mulheres na virada do século XX. Ela ajudou as mulheres a conseguir mais autonomia e independência, facilitando a sua locomoção pelas ruas das cidades, principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, entre as sufragistas sobretudo. O fenômeno acabou por se espalhar pela Europa e, finalmente, chegou ao Brasil. Vários artigos em revistas femininas e depoimentos de feministas da época atestam a contribuição que o uso deste meio de transporte trouxe para a emancipação feminina. Houve muita resistência ao modismo, mas os mais conservadores tiveram que aceitar as ousadas ciclistas”. (MUNDO ESTRANHO, 2012)

Vê-se, portanto, o destaque aos discursos religiosos e históricos com recorrência a elementos do cristianismo e acontecimentos que condicionaram a postura pré-construída do enunciador, idealizada em exaltações às qualidades femininas, ao sugerir que a passividade diante do revolucionário contexto, final do século XIX, faria da mulher “typo ideal” e “criatura admiravelmente feliz”.

Assim, percebe-se a linguagem não apenas como representação do pensamento, sendo a ela agregada toda formação discursiva, estabelecendo uma “representação do mundo e do pensamento” (KOCH, 1997, p. 9). Consoante a esse pensamento, Orlandi destaca:

[...] o interdiscurso, longe de ser efeito integrador da discursividade torna-se desde então seu princípio de funcionamento: é porque os elementos da sequência textual funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-aforizados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente. (ORLANDI, 2005, p.158).

“A UTOPIA DA LIBERDADE”: UMA VISÃO PLURISSIGNIFICATIVA

O intradiscurso, descrito em Orlandi (2001, p. 30) como o momento da formulação de uma sequência discursiva, requer análise das construções textuais e os recursos utilizados para tal intento. Daí a necessidade de compreender o uso do léxico, das relações semânticas, polissêmicas e morfológicas.

Ao utilizar o procedimento por meio de paráfrases, o título “Utopia da Liberdade”, já se apresenta como o “imaginário da liberdade”, ou ainda “o sonho de ser livre”, deixando evidente a crença de que tal intento, para as mulheres, seria inatingível. Metaforicamente remete a “sonhar acordada”, referência comum ao pensamento masculino da época no tocante às conquistas femininas.

As escolhas lexicais são marcadas pelas negativas: recorrências do “não” e “nunca”; seguidas de verbos de ação “tira”, “abusa”, “quis”, “ocorreu-lhe”. Interessa aqui remeter-se ao conceito de “negação” - visão peuchetiana e à polifonia, conceito criado por Bakhtin e utilizado posteriormente em Koch (2000, p.50) para referir-se ao atravessamento do discurso, ou seja: a constituição de um discurso por outro.

Afirmações do tipo “nunca quis se formar em direito” ou ainda “nunca ocorreu-lhe apostar corridas de bicycle” marcam a contraposição de que “existiam mulheres formando-se em direito e andando de

bicicleta”, de tal modo que foi preciso negar tal ação para romper o “acontecimento” e redirecioná-lo, assim, ao dito – na formação discursiva.

Na visão de Pecheutiana, tal propósito constitui a materialização da ideologia na língua. Assim a presença da negação, então, sobressaiu-se entre as sequências frasais e funcionam como recomendações, constituindo uma forma de afirmação do que seria o “Typo ideal” de mulher.

Outro aspecto que merece destaque é a adjetivação: “resignada”, “humilde”, “secundária” e “feliz” são predicativos associados à figura feminina que se mantém em sua “condição”. É perceptível, nesse caso, a recuperação de implícitos culturais e ideológicos pela escolha lexical. De forma persuasiva, tais enunciados são utilizados como forma de argumentos, de tal modo a reivindicar respaldo na religião na sedimentação da ideologia presente. Tem-se então a premissa de que “anulando-se” é possível “galgar as culminancias da genuínas aspirações do sexo” e ser “feliz na imaterialidade de seu imenso amor”.

Significativa também para a análise, a formulação remete ao momento do enunciado, quando, o sujeito na escolha lexical, de forma conveniente, faz uma seleção pertinente para atingir seu objetivo: o chamado processo de esquecimento. Dessa forma, apoiar-se no esquecimento é também uma estratégia do autor no reforço ideológico, quando sugere que Santa Cecília (discurso religioso) “nunca quis se formar em direito (...) nunca ocorreu-lhe apostar corridas de bicyclete.”

Sabendo-se que Santa Cecília foi uma das mártires mais veneradas durante a Idade Média, e sua canonização no século V; tal evocação argumentativa induz à falácia, visto que a entrada das mulheres na universidade “aconteceu primeiramente nos Estados Unidos no ano de 1837, com a criação de universidades exclusivas para as mulheres”, conforme Alves & Pitanguy (1981, p. 44); igualmente, a criação da bicicleta, datada do século XV, é posterior à vivência de Santa Cecília.

Interessante, nesse caso, reportar-se à falácia definida em Copi (1978, p. 132) "como uma forma de raciocínio que parece correta, mas que, quando examinada cuidadosamente, não o é". Araújo (2001, p. 18) reforça tal conceito ao justificar que a "invalidez da argumentação falaciosa provém de sua referência a fatores extralógicos (geralmente psicológicos: emoções, sensações, circunstâncias transitórias, etc.) como justificadores da conclusão". Desse modo, além de fazer uso de uma referência religiosa como argumento discursivo; o autor, detentor do veículo de informação no qual escreve, também se vale do “critério de autoridade” em sua justificativa ideológica. Tal processo remete, nesse sentido, a relação linguagem e exterioridade, conforme Pêcheux:

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. [...] Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam. (PÊCHEUX, 1988, p. 160).

Considerações finais

A maior dificuldade ao analisar discursos está na construção da própria metodologia. Tal empreendimento requer que, como sujeito, se elabore outro discurso, em sua heterogeneidade, atravessado pelas ditas opacidades comuns ao propósito de construção discursiva. Os recursos como paráfrase e polissemia constituem mecanismos que facilitam o processo de análise, sem, no entanto limitar a materialidade presente em cada enunciado. ´

É lícito concluir que partindo dos conceitos da Análise do Discurso foi possível constituir relações da presença do discurso religioso nos enunciados de Bomilcar, provando, desse modo, o assujeitamento ideológico. Partindo do princípio de que há, por parte do autor, um domínio de conceitos e, portanto, um compartilhamento ideológico do já-dito.

Como afirmado na introdução, a análise de enunciados do texto de Álvaro Bomilcar permitiu a verificação dos discursos relativos à religiosidade e ao preconceito de gênero. Assim, nas marcas linguísticas contidas no texto, há a materialização de outros discursos, marcados, principalmente, pela proximidade do autor com ideologias contextualizadas, ditadas pela sociedade do final do século XIX.

Seja por meio da escolha lexical ou pelo apelo à falácia, ficou marcante que os costumes de uma época estabelecem relações de poder em qualquer sociedade. Por um lado, percebe-se que, por força da ideologia, o sujeito é levado a contribuir com tal convicção; por outro lado, quando utilizados os mecanismos linguísticos, estes surtem efeitos na construção de sentidos consolidados.

Assim, cabe ao interpretante desvendar tais propósitos que, certamente, satisfarão, em parte, seu estudo, já que é próprio da análise do discurso a possibilidade de inúmeros caminhos, sendo este estudo, portanto, mais um deles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMANACK CORUMBAENSE. Corumba, MT : Typ. Italiana, 1898.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O Que é Feminismo*-São Paulo: Brasiliense, 2003- (Coleção primeiros passos).

ARAÚJO, R. C. *Lógica e teoria da argumentação*. Vitória: 2001

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Arquivo do COMDIM/POA - *A política de cotas por sexo* – CFEMEA/2000. Disponível em: http://www.ufrgs.br/nucleomulher/mov_feminista.php. Acesso em 14 jun 2014.

COPI, Irving Marmer. *Introdução à Lógica*. 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 6.ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2002

OLIVEIRA, Lúci Lippi. *A questão nacional na primeira república*. São Pulo: editora Brasiliense, 1990.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 4 ed. Campinas: Pontes, 1997.

_____. *Semântica e discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. Trad.: Eni Orlandi. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

REVISTA Mundo Estranho on-line. Edição 2012. Ed. Abril. Disponível em <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/quem-inventou-a-bicicleta>. Acesso em 14 jun 2014.